

ARTESANATO

Mulheres geram renda com fibra da banana

Soraia Haddad
de São Paulo

O Vale do Ribeira, região com os maiores índices de pobreza do Estado de São Paulo, insere mulheres de baixa renda no mercado de trabalho por intermédio da produção de artesanato de fibra de bananeira. A agricultura da região é baseada na produção de banana e chá. Hoje são mais de 90 milhões de pés de banana plantados.

Mais de 70 mulheres dos municípios de Miracatu, Itariri, Juquiá, Pedro de Toledo, Registro e Eldorado desenvolvem trabalhos manuais e geram sua própria renda. Os artesanatos produzidos em Miracatu e Itariri já são comercializados na rede de lojas C&C Casa & Construção e, em breve, estarão expostos na rede de lojas Grupo Pão de Açúcar. Esse negócio tem o apoio do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (Sebrae-SP).

Segundo Kareem Portaluppi Duarte, coordenadora do programa Sebrae de artesanato no Vale do Ribeira, a entidade investe há dois anos e meio nessas profissionais com a capacitação gerencial e técnica, acompanhamento técnico e apoio à comercialização dos produtos em feiras de negócios.

Kareem afirma que o objetivo do programa é mostrar a importância do artesanato e enfatizar a cultura local. "Queremos profissionalizar o artesão do estado de São Paulo", declara. As cifras do investimento não são mencionadas. Segundo Kareem, as mulheres já conheciam a técnica de produção, mas faltava

gerenciamento. "Damos a noção para transformá-las em empresárias do artesanato", diz.

As profissionais trabalham com a fibra extraída do tronco da bananeira. Ao todo são cinco tipos de fibras. No município de Itariri, por exemplo, 22 mulheres transformam a fibra em papel que é utilizado no revestimento de caixa de presentes e em cúpula de abajures. Elas também produzem cestos de pães, bolsas e bonecas e a renda mensal varia em cada grupo.

Os produtos de Itariri, como o modelo de jogo americano feito no tear de prego, são comercializados na C&C desde o início do ano. Já no Pão de Açúcar deverão ser expostas luminárias produzidas em papel de fibra de bananeira.

Paralelamente ao auxílio do Sebrae, as mulheres do Vale da Ribeira exportam cadeiras de praia revestida com fibra de banana para a Alemanha. Além disso, vendem seus produtos numa loja na cidade e ainda participam de feiras e exposições locais e regionais.

Kareem explica que em Miracatu, as 20 mulheres desenvolvem um trabalho especial de tear. Elas fazem tapetes, bolsas e almofadas com a fibra e em média ganham R\$ 500 por mês. "Essa renda depende de cada pessoa", diz.

Na C&C, os produtos à venda são de almofadas confeccionadas com fibra da banana. Segundo Kareem, o material também está exposto no Guia do Presente Solidário — uma parceria entre uma Organização Não-Governamental (ONG) e o Sebrae. "É uma nova

proposta. O empresário presenteia seus clientes com criatividade e responsabilidade social", diz.

As mulheres de Juquiá, Registro e Eldorado estão há pouco tempo no Programa Sebrae de Artesanato. Em Juquiá e Pedro de Toledo, os trabalhos são feitos em trançado manual, como jogos americanos, chapéus e chinelos. Só em Pedro de Toledo o processo de venda das embalagens de bebidas e de jogos americanos ainda não foi iniciado. Segundo Kareem, o artesanato mais

■
As peças são diferenciado é o de Eldorado, único grupo onde trabalham homens e mulheres remanescentes dos quilombos. "O ritmo de vida deles é diferente dos demais grupos", diz a coordenadora.

As peças são vendidas em lojas e feiras de negócios com apoio do Sebrae

Da mesma forma que em Miracatu, neste grupo os trabalhos são concentrados no tear. Kareem comenta que embora muitos grupos ainda estejam em fase inicial no programa do Sebrae, eles são experientes no ramo. "A meta do Sebrae é elevar a qualidade de vida do artesão paulista e fortalecer a organização cooperativa e associativa do segmento", diz. O foco do produto, segundo Kareem, são os lojistas e decoradores. Os grupos também expõem o artesanato no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e na edição 2003 da Casa Cor São Paulo.

A dificuldade dos grupos está em conseguir financiamento do capital de giro, pois ainda não são formalizados como associação.

Centro de comercialização

Até o final deste ano, diz Kareem, o Sebrae pretende investir na abertura de um centro de comercialização de artesanato de produtos do estado. "O foco é atender o atacado". O local ainda está em negociação. Ela explica que a finalidade é ter um centro com estoque de produtos. "Queremos uma área de negócios efetivos, onde o empresário decide a compra e sai com os produtos em mãos", afirma. Hoje, os pedidos demoram 30 dias para ser entregues.

Os trabalhos manuais de fibras de bananeira têm possibilidade de ser inserido em programa de intercâmbio cultural. De acordo com Kareem, um empresário japonês, do ramo de criação de cavalos, tem interesse nos trabalhos de teares do Vale. Ele quer importar o produto brasileiro e levar uma artesã para ensinar a técnica no Japão. Por enquanto, a fase é de negociação. Um outro empresário pretende lançar um site para a comercialização dos artesanatos.

Mas não é só a banana que faz sucesso no Vale da Ribeira. Quatro mulheres de Iguape, outro município da região, desenvolvem um trabalho artesanal que rende até R\$ 700 mensais. Elas produzem panelas de barro com a aplicação da técnica tupi-guarani. Só com a C&C Casa & Construção elas fecharam pedidos de R\$ 4 mil.

INSTITUTO

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: *GM (rede op. de trabalho)*

Data: *13-15/06/2003* Pg. *5/13*

Class.: *10*